

GUARDIÕES DA MILPA¹: UM ENSAIO VISUAL²

*Pavel Alonso García Magdaleno*³

Resumo: Este ensaio visual documenta três rituais maias interconectados na Península de Yucatán, essenciais para o cultivo tradicional do milho. O primeiro ritual, descreve o processo raro e complexo de dar vida a um *alux*, um espírito protetor dos cultivos. Realizado em 2023, o ritual envolveu a criação de duas figuras de barro, que foram instruídas a proteger os campos, destacando a aliança entre agricultores e entidades "mais que humanas". O segundo momento ritual, capturado em 2024, foca nas oferendas de *posole* adoçado com mel às entidades-vento (*iko'ob*) antes da queima da roça para a plantação, um processo perigoso que depende do vento para o sucesso. A aceitação da oferenda, evidenciada pela mudança na bebida, sinaliza a colaboração divina. Por fim, o ensaio revisita o *Cha' chaak*, um ritual de 2014 para invocar a chuva, onde camponeses oferecem carne de caça e "pães" para os deuses da chuva, os *chaako'ob*. Esses rituais, embora distintos, mostram a profunda relação entre os camponeses, suas divindades e a floresta, reforçando a resiliência cultural e a resistência contra a descamponezização.

Palavras-chave: Cultura maia; Agricultura; Rituais; Espíritos.

GUARDIANS OF THE MILPA: A VISUAL ESSAY

Abstract: This visual essay documents three interconnected Mayan rituals in the Yucatán Peninsula, essential to traditional corn cultivation. The first ritual describes the rare and complex process of giving life to an *alux*, a spirit that protects crops.

¹ A palavra *milpa* deriva do termo *náhuatl milli*, que se refere a um espaço cultivado, geralmente com milho e seus cultivos associados, como feijão, abóbora, pimentão e tubérculos.

² Como citar: MAGDALENO, Pavel Alonso García. Guardiões da Milpa: Um Ensaio Visual. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 25, n. 46, e147823, 2025.

³ Doutor em Estudos Mesoamericanos pela Universidad Nacional Autónoma de México, México. Pós-doutorando SECIHTI no Instituto de Investigaciones Sociales, UNAM, México. E-mail: pavelalonsogarciam@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9195-382X>.

Carried out in 2023, the ritual involved the creation of two clay figures, which were instructed to protect the fields, highlighting the alliance between farmers and "more-than-human" entities. The second ritual moment, captured in 2024, focuses on offerings of honey-sweetened posole to the wind entities (*iiko'ob*) before burning the land for planting, a dangerous process that depends on the wind for success. The acceptance of the offering, evidenced by a change in the drink's appearance, signals divine collaboration. Finally, the essay revisits the *Cha' chaak*, a 2014 ritual to invoke rain, where peasants offer game meat and "breads" to the rain gods, the *chaako'ob*. These rituals, while distinct, show the profound relationship between peasants, their deities, and the jungle, reinforcing cultural resilience and resistance against de-peasantization.

Keywords: Mayan culture; Agriculture; Rituals; Spirits.

O canto das rãs me levou até o estado de Yucatán. Seguindo o significado que esses animais têm para os maias antigos e contemporâneos, em 2014 pude registrar três rituais de pedido de chuva e participar de um deles como parte das pessoas que se tornariam nos deuses da chuva. Em 2023, junto com meu bom amigo da comunidade maia de Uayma, Virgilio Espadas, pudemos realizar o ritual para dar vida a um *Alux*, espírito auxiliar que protege os cultivos de milho na península de Yucatán. Em 2024, coube-me assistir à queima do monte onde seria realizada a semeadura do milho e culturas associadas. Como parte disso, registrei as oferendas às entidades-vento. Embora o registro dos três acontecimentos rituais não se correspondam temporalmente, são três aspectos do cultivo tradicional do milho, finalizando com o vínculo dos agricultores e o momento da colheita.

Os *aluxes* ou *aruxes* são espíritos do monte, de caráter travesso, que costumam aparecer em forma de crianças. Também são considerados "duendes", e é possível fazer uma aliança com eles para pedir a proteção de certos espaços, especialmente os locais de cultivo (Terán e Rasmussen, 2008). O registro visual ou audiovisual do ritual para dar vida a um *alux* é muito raro, devido à sua peculiaridade, dificuldade e ao perigo que a criação desses espíritos representa. Para que um *alux* possa se manter, é-lhe dado um corpo

de barro ou pedra, podendo ser usada uma pedra antiga esculpida –neste caso, a peça foi feita especificamente para o ritual. A pedido do jovem especialista ritual, o *jmen*, uma segunda figura foi criada, resultando na formação de dois espíritos durante o ritual. Um foi entregue a Dom Emilio Espadas, e o outro foi levado pelo *jmen*, que, devido à complexidade e raridade do ritual, e aproveitando as habilidades de cerâmica da família Espadas, decidiu criar um ajudante para si mesmo. O ritual durou dois dias completos. No primeiro dia, foram feitos os preparativos para as bebidas rituais, o altar para as orações e os insumos necessários. Na primeira noite, o *jmen*, com as oferendas já dispostas no altar, iniciou as orações, que se tornavam cada vez mais intensas. Em certo momento, ele chicoteava as próprias costas com cipós e, na parte mais forte do ritual, pediu que nos afastássemos do local, entregando-nos espinhos especiais que nos protegeriam de qualquer imprevisto.

Durante o segundo dia, ele continuou as orações, desta vez sacrificando três galinhas e oferecendo-as. Em seguida, prepararam-se outros tipos de oferendas, como os chamados *waj*⁴, que foram dispostos junto com as galinhas cozidas no altar no momento da entrega do *alux* ao seu dono. Após ser entregue, o *alux* foi levado para o que seria sua casa, um local afastado do trânsito comum de pessoas para evitar encontros indesejados. Naquele momento, ele foi instruído sobre o espaço que deveria proteger. Dom Emilio menciona que "é como um filho, que você tem que cuidar", e que ele deve ser alimentado toda terça e sexta-feira com uma bebida de milho chamada *saká*⁵.

⁴ Em maia, este termo é usado tanto para pão quanto para tortilhas, então, geralmente, essas oferendas são chamadas de "pães" em espanhol. Elas são feitas com camadas de massa de milho em forma de disco, dispostas uma sobre a outra com sementes de abóbora moídas entre elas. Depois, são embrulhadas em folhas de uma árvore chamada *boob* (*Coccoloba spicata*) e assadas em um forno de terra. Este tipo de oferenda também é utilizado no ritual de pedido de chuva chamado *Cha' chaak*.

⁵ Pode-se consultar o documentário sobre o nascimento do *alux* em: <https://youtu.be/6SIBxYPAYFs?feature=shared>.

O segundo momento ritual apresentado neste ensaio visual é a oferenda dos camponeses aos ventos antes de realizarem a queima do terreno da selva que se tornará a *milpa*. Previamente, o local é limpo com o corte de árvores e arbustos, que são deixados a secar de dezembro a março⁶ para permitir a queima. Este processo é muito perigoso: os camponeses incendeiam ambos os lados da *milpa* e a ideia é que o fogo se encontre no meio, dissipando-se sozinho. Para que isso seja bem-sucedido, é fundamental que a intervenção do vento ajude a direcionar o fogo para o lado desejado. Se o vento soprar na direção errada, o fogo pode se espalhar pela selva e pôr em risco a vida dos próprios camponeses. Para isso, os agricultores chamam os ventos, em maia *iiko'ob*, para que ajudem a queimar a *milpa* de forma ordenada.

O termo *iik'* é também utilizado para "hálito" e "vento". No entanto, a distinção entre o vento como fenômeno atmosférico e as entidades cuja corporalidade é de vento não é muito clara (García Magdaleno, 2020a). Para esclarecer isso, Ella F. Quintal e seus colaboradores propõem chamar de entidades-vento a esse grupo de seres que se manifestam como vento atmosférico (Quintal et al., 2014) e com os quais os maias mantêm uma intensa relação.

É a esses seres que se oferece *posole*⁷ adoçado com mel. No caso registrado, foram oferecidas três *jícaras*⁸ com a bebida, que foram colocadas ao lado do terreno onde seria realizada a queima, entre duas árvores. As oferendas estavam sustentadas por dois troncos horizontais (Fotografia 3). Um dos camponeses, que colocou as oferendas, fez uma oração especial para as entidades-vento, pedindo sua ajuda. Durante a queima, outro agricultor chamava os ventos com um assobio muito peculiar, tanto em seu tom quanto em sua repetição, enquanto ateava fogo ao terreno. Pouco tempo depois, a fumaça

⁶ No México, este período corresponde à estação de seca.

⁷ Esta é uma bebida preparada com milho cozido com cal e moído, utilizada pelos camponeses para se refrescar durante suas jornadas de trabalho. Não deve ser confundida com o pozole, um caldo feito com milho e carne, consumido em diversas partes do México.

⁸ Tigelas feitas com o fruto da árvore de *jícara* (*Crescentia cujete*).

inundou tudo, como um lençol branco que nos cobria completamente e nos impedia de respirar. Nós nos afastamos um pouco para conseguir respirar e refrescar os olhos. Em pouco tempo, o mesmo vento que ajudou a queimar – ou talvez outro – dissipou a fumaça e nos permitiu voltar ao local. Dom Emilio retornou ao lugar onde havíamos posto as oferendas e me mostrou como o aspecto delas havia mudado (Fotografia 4): os ventos haviam "bebido" delas. O fato de a bebida assentar e mudar de cor é um sinal de que aqueles a quem se ofereceu receberam "a graça". Os ventos e os espíritos são de vento e comem vento, por isso se diz que eles absorvem "a graça" dos alimentos ou sua essência, de forma semelhante ao que ocorre com as oferendas aos mortos na temporada de *hannal pixan*, a comida dos mortos/espíritos (García Magdaleno, 2020a).

O terceiro ritual ligado ao cultivo do milho é o *Cha' chaak*, um ritual de invocação de chuvas, cujos registros datam 2014, na região leste do estado de Yucatán. Este ritual, geralmente comunitário e bastante complexo, possui particularidades em cada local onde é realizado. Uma das poucas constantes é a proibição da presença de mulheres. Um amigo certa vez me explicou que isso se devia ao fato de que os deuses da chuva, os *chaako'ob*, se distraírem com a presença feminina e esquecerem de receber as oferendas a eles destinadas. Assim como outras divindades na Mesoamérica, os deuses maias da chuva podem ser vistos como uma, quatro ou muitas entidades, dependendo do contexto em que aparecem, podendo até mesmo se manifestar como entidades femininas (Terán e Rasmussen, 2008, p. 230). Neste ritual, eles geralmente aparecem como quatro entidades que habitam cada um dos pontos cardeais do cosmos e são responsáveis por irrigar essas áreas. Silvia Terán e Christian Rasmussen afirmam que essas posições são rotativas, e a cada ano os deuses encarregados dessa tarefa extenuante são trocados (Terán e Rasmussen, 2008). Isso ajuda a compreender a necessidade dos camponeses de realizar este ritual anualmente, devido às suas relações.

Para a realização do ritual, constrói-se um altar com troncos da floresta próxima. Este altar pode ter diferentes níveis, dependendo das divindades a quem se destina a oferenda. Assim como no ritual do *alux*, são feitos os

mesmos pães, porém em número muito maior, pois devem ser suficientes para os participantes humanos e "mais que humanos". No caso do *cha'chaak* registrado na comunidade de Tiholop, por exemplo, participaram mais de 100 camponeses. Nestes rituais, também busca-se oferecer carne de caça, preferencialmente veado. No caso mencionado anteriormente, foram oferecidos 13 veados⁹. O *jmen* (especialista ritual) que conduziu a cerimônia explicou-me que havia pedido esses veados a *Yuum K'aax*, o senhor da floresta, e que ele havia revelado a localização onde os encontraria. O *jmen* deu instruções aos caçadores sobre os locais para onde deveriam ir, e eles retornaram com as presas concedidas pelo senhor do monte para o ritual (García Magdaleno, 2020b). Além disso, são oferecidas galinhas e um caldo especial engrossado com milho e achiote.

Cada ritual pode ter suas particularidades. No caso do ritual da comunidade de Sisbichen, o *jmen*, um homem do campo muito idoso, rezou sozinho por um longo tempo, acompanhado apenas de seu rosário (Fotografia 5). Ao final, ele chamou a nós e aos demais participantes, para levantar as oferendas que foram preparadas e entregá-las a cada uma das direções. Isso não ocorreu nem na comunidade de Tiholop nem em Chemax.

De igual modo, a disposição dos "pães", galinhas, velas e outras oferendas no altar de cada ritual costuma variar. Essa organização é feita conforme as instruções de cada especialista ritual. Por vezes, essa disposição e os sinais colocados sobre os "pães" servem também como um recurso mnemônico para que o especialista possa fazer a entrega às diferentes entidades não-humanas que participam do ritual.

No entanto, a complexidade dessa relação não seria plenamente compreendida se não observarmos a participação humana, tanto nos rituais quanto na sua própria atividade agrícola. Em um processo de franca descamponização que tem ocorrido no México nas últimas décadas, a atividade agrícola é uma forma de resistir às suas antigas formas de vida e à religiosidade que delas emana. Continuar cultivando em tempos de mudanças

⁹ Este número é importante dentro da numerologia ritual maia.

climáticas torna-se ainda mais incerto. As longas secas, as chuvas intensas e a proliferação de furacões colocam em perigo a cada ano as colheitas que alimentarão as famílias em Yucatán. Os fenômenos religiosos que se enquadram na cultura agrária desta zona não seriam possíveis sem essa atividade. O orgulho de um trabalho bem-feito que resulta na bela cor dourada do milho amarelo que se transformará em tortilhas só é possível pelo grande esforço dos agricultores, que, talvez sem saberem completamente, cultivam sua própria soberania alimentar a partir de suas alianças com entidades mais que humanas que habitam seu entorno, construindo de maneira conjunta a *milpa* e a selva maia.

Fotografia 1: Oração Noturna. O *jmen* realiza parte das orações para dar vida aos *aluxes*. À sua frente, podem-se ver as duas figuras que ganharão vida ao final do ritual.



Fonte: Pavel García, 2023.

Fotografia 2: Nasceu o ajudante. Pode-se observar o *alux* colocado no que será sua casa de pedra. Em suas mãos, ele segura um bastão plantador e entre as pernas uma cabaça para regar. Tem dois recipientes com oferendas à sua frente e conta com um cachorro e uma rã como ajudantes.



Fonte: Pavel García, 2023.

Fotografia 3: Comida para os ventos. Podemos observar três cuias de *luuch* (*Crescentia alata*) que contêm *posole*, uma bebida feita de milho, água e mel. Essa oferenda é dedicada aos ventos antes da queima da selva, onde a *milpa* será semeada.



Fonte: Pavel García, 2024.

Fotografia 4: Resposta dos Ventos. Dom Emilio apresenta as oferendas aos ventos que já foram aceitas.



Fonte: Pavel García, 2024.

Fotografia 5: Mãos que oram. O especialista ritual encarregado do *Cha'chaak* realiza uma longa oração em solitário, acompanhado apenas de sua voz e seu rosário.



Fonte: Pavel García, 2014.

Fotografia 6: Altar de *Cha' chaak*. O altar para o ritual de pedido de chuva está pronto para ser oferecido aos deuses da chuva e seus acompanhantes.



Fonte: Pavel García, 2014.

Fotografia 7: Dom Luis e sua *milpa*. Dom Luis, agricultor de Uayma, posa frente à sua *milpa*, fruto de seu trabalho árduo.



Fonte: Pavel García, 2017.

Fotografia 8: Mãos de Milho. Dom Astério mostra parte de sua colheita de milho amarelo. Este tipo de milho é frequentemente utilizado em bebidas rituais.



Fonte: Pavel García, 2024.

REFERÊNCIAS

BALAM, Patricia; QUINTAL AVILÉS, Ella Fanny. Con poder para tratar con los vientos: Jmeeno'ob, aluxo'ob y waayo'ob entre los mayas de la Península. In: *El poder de saber: Especialistas rituales de México y Guatemala*. Cidade do México: Instituto de Investigaciones Históricas, Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.

GARCÍA MAGDALENO, Pavel Alonso. Cuero de carne, cuerpo de barro y cuerpo de viento. Reflexiones en torno a la corporalidad entre los mayas peninsulares. In: *Cuerpo y persona: Aportes antropológicos en México*, El

Salvador y Venezuela. Cidade do México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2020a.

GARCÍA MAGDALENO, Pavel Alonso. *¿Qué es un animal? Consideraciones en torno a la noción de animal entre los mayas del oriente de Yucatán*. Doctorado (Estudios Mesoamericanos). UNAM, Cidade do México, 2020b.

QUINTAL, Ella Fanny; BRISEÑO, Fidencio, BALAM, Patricia, CABRERA, Alejandro, GÓMEZ, Jorge, & SOLÍS, Iván. Los vientos , las nubes y las lluvias en el cosmos maya. In: *Creando mundos entrelazando realidades. Cosmovisiones y mitologías en México indígena.: Vol. V*. Instituto Nacional de Antropología e Historia, Cidade do México, 2014.

TERÁN, Silvia; RASMUSSEN, Christian. *Jinetes del cielo maya: Dioses y diosas de la lluvia en Xocén*. Universidad Autónoma de Yucatán, Yucatán, 2008.

Recebido em: 28/05/2025

Aprovado em: 22/08/2025